

Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”¹

Lindomberto Ferreira Alves²

Amanda Amaral³

1

O presente ensaio trata-se, originalmente, do texto curatorial produzido para a exposição “Do escuro do nosso tempo”, dos artistas Esther Almeida e Luis Maria, realizada em formato virtual, como parte da ação “Curadoria em rede”, promovida pela “Plataforma de Curadoria” – coordenada pela Prof.ª Dr.ª Ananda Carvalho, do Departamento de Artes Visuais, da Universidade Federal do Espírito Santo (DAV-UFES).

2

Artista-educador, pesquisador, crítico e curador independente. Mestre em Teoria e História da Arte (PPGA-UFES), Licenciado em Artes Visuais (UNAR/SP) e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Seus trabalhos ocupam-se em interrogar e (inter)atuar nos limiares entre arte, corpo e cidade, por meio de diferentes padrões de significação e implicação da vida na contemporaneidade. Pesquisa processos de criação na arte contemporânea, de modo especial, em produções que colocam arte, vida e obra no mesmo plano de contágio. Integra o duo “FURTACOR”, em parceria com a artista Amanda Amaral. E-mail: lindomberto@gmail.com.

3

Artista multimídia, pesquisadora independente e arte educadora. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Residente em São Paulo/SP, se dedica à pesquisa na qual lida com questões de *site/non-site* utilizando o vídeo, a fotografia e outras linguagens como campo de investigação para tencionar o registro, a documentação e o lugar dessas imagens considerando tipologias, contra-tipologias e narrativas criadas como trajetória de um convite à atenção aos espaços e arquiteturas baldias e abandonadas. Integra o duo “FURTACOR”, em parceria com o artista Lindomberto Ferreira Alves. E-mail: amaralamg@gmail.com.

Resumo

O presente ensaio levanta algumas reflexões pontuais sobre o tempo corrente. Para tanto, toma-se, aqui, como mola propulsora os registros imagéticos e discursivos que compõem a série “*Bucólico Marginal*” (2020), dos artistas Esther Almeida e Luis Maria – que vieram à público recentemente através da exposição virtual “*Do escuro do nosso tempo*”.

Palavras-Chave: Contemporâneo; Arte contemporânea; Isolamento Social; Pandemia

Abstract

The present essay raises some punctual reflections about the current time. To this end, it takes as a driving force the image and discursive records that make up the series “*Marginal Bucolic*” (2020), by artists Esther Almeida and Luis Maria – who recently came to the public through the virtual exhibition “*From the dark of our time*”.

Keywords: Contemporary; Contemporary art; Social Isolation; Pandemic



Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

1º gesto: Abrir o problema em suas muitas dimensões⁴

E Em que tempo vivemos?⁵ Que expectativas podemos ter do tempo que vivemos? O que é possível prospectar desse tempo do “fim” – para não perdermos de vista, aqui, a ressonância do ultimato do pensamento indígena contemporâneo, que perpassa as reflexões de autores como Davi Kopenawa⁶ e Ailton Krenak⁷? Que saídas traçar desse tempo apocalíptico que inocula não apenas o tempo pandêmico, mas, também, o tempo da destruição da natureza e da vida – tempos conjurados às reestruturações do regime capitalístico e cujas feições bárbaras de matriz colonialista asseveram coisas cada vez mais nefastas? Afinal de contas, como sobreviver a esses (e nesses) nossos tempos?



Figura 01. Esther Almeida & Luis Maria, *Bucólico Marginal*, 2020. Fotografia/Texto, dimensões variáveis. Acima: dezoito de junho; cansada de ser matéria. quero ser imaterial e não humana. habitar o que não sei se ainda há lá fora. Autor(a): Esther Almeida; Abaixo: treze de junho. Autor(a): Luis Maria.

2º gesto: Manter fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro⁸

É o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009, p. 65) quem nos lembra: “[...] contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de

4

BASBAUM, Ricardo. Artes/vidas. In: *Poiésis*, Niterói, v. 18, n. 29, p. 235-246, jan.-jun. 2017. p. 239.

5

Refletindo sobre essa questão, o filósofo francês Jacques Rancière (2014) defende a tese de que nós teríamos a oportunidade libertária de viver um tempo próprio, um tempo vivido que não necessariamente se confunde com o tempo objetivo do curso do mundo. Para ele, residiria nessa não coincidência, inclusive, a nossa chance de resistir ao que poderia ser nomeado como o tempo do “fim”. RANCIÈRE, Jacques. Em que tempo vivemos? In: *Revista Serrote*, n. 16, p. 203-222, mar. 2014.

6

“Pode ser que então, depois de muito tempo, outras gentes venham à existência em nosso lugar. Mas serão outros habitantes da floresta, outros brancos. São essas as palavras de nossos antigos sobre o futuro. Os brancos também deveriam sonhar pensando em tudo isso. Talvez acabassem entendendo as coisas de que os xamãs costumam falar entre si. Mas não devem pensar que estamos preocupados somente com nossas casas e nossa floresta ou com os garimpeiros e fazendeiros que querem destruí-la. Estamos apreensivos, para além de nossa própria vida, com a da terra inteira, que corre o risco de entrar em caos. Os brancos não temem, como nós, ser esmagados pela queda do céu. Mas um dia talvez tenham tanto medo disso quanto nós! Os xamãs sabem das coisas más que ameaçam os humanos. Só existe um céu e é preciso cuidar dele, porque, se ficar doente, tudo vai se acabar. Talvez não aconteça agora, mas pode acontecer mais tarde. Então, vão ser nossos filhos, seus filhos e os filhos de seus filhos a morrer” (KOPENAWA & ALBERT, 2015, p. 498). Para mais, ver: KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

7

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (KRENAK, 2019, p. 26-27). Para mais, ver: KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

8

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 62.



Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”

Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

tudo, uma questão de coragem [...]”. Isso porque para o sê-lo, como reitera em suas reflexões, é preciso ter a coragem de intencionalmente desviar o olhar das luzes do tempo homogêneo do mundo que nos ofuscam para, assim, “‘ver as trevas’, ‘perceber o escuro’” (Ibid., p. 63). Em outras palavras, contemporâneo é aquela ou aquele que tem o desassombro de estabelecer um modo específico de se estar no tempo, sem com ele coincidir, com o intuito de perscrutar nos interstícios, nas opacidades, nas fugacidades, em suma, na “obscuridade” do presente – no que há de mais recente – não só os vestígios de sua origem, mas, sobretudo, a complexidade inapelavelmente intrínseca à singularidade de sua própria época.



Figura 02. Esther Almeida & Luis Maria, *Bucólico Marginal*, 2020. Fotografia/
Texto, dimensões variáveis. Acima: vinte e seis de junho. Autor(a): Esther Almeida;

Abaixo: vinte um de junho; a lama limpa o que o sabão sujou. imóvel como
estátua, sentir a pele diferente. expandir a matéria. reformular química. recriação.

Autor(a): Luis Maria.

3º gesto: Avaliar com quais forças se irá compor?

Bem, se assim o for, talvez seja mais do que urgente e, portanto, decisivo, como alerta a psicóloga brasileira Leila Domingues (2010, p. 19), “apossar-se das sensações para criar sentidos e por meio desta experiência

9

MACHADO, Leila. À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 19.

Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

transmutar-se ou ver e dizer outras coisas, de outras formas, sob outros ângulos, perspectivas, sonoridades”. Ainda a esse respeito, ela continua: é “a sensação possibilitando encontros com a alteridade, com o desmanchar do Idêntico, com o ‘outramento’” (Ibid., p. 19). Mas é importante que se diga: de pouco importa a pressa em sentir o escuro do tempo vivido que não cessa de nos interpelar, “(...) sem que o ‘ver’ e o ‘dizer’ sejam sentidos, criem sentidos, componham um corpo-sentido de dizibilidades e visibilidades” (Ibid., p. 17). Junto a Leila Domingues, ao que parece, a voracidade em dirigir-se direta e singularmente ao escuro do ‘tempo vivido nas dimensões do mundo’ (para falar como Friedrich Hölderlin), a fim de sentir as sensações que se engendram na relação intensiva com ele, dificilmente sacudirá nossas certezas, quiçá estremecerá nossa insaciável vontade de verdade. A agitação, lembra Leila Domingues (Ibid., p. 18), “parece nos colocar mais em um lugar de surdez, de cegueira, de mudez frente aos acontecimentos”. Lugar cujo ecoar nada circunstancial de que “tudo é vão”, contribui para o distanciamento de uma batalha que, não por acaso, diz respeito à célebre e atual questão foucaultiana¹⁰, reformulada por Leila Domingues (Ibid., p. 19) da seguinte maneira: o “que estamos ajudando a fazer do que vem sendo feito de nós?”.



Figura 03. Esther Almeida & Luis Maria, *Bucólico Marginal*, 2020. Fotografia/Texto, dimensões variáveis. À esquerda: dezoito de maio. Autor(a): Esther Almeida; À direita: dezoito de junho. Autor(a): Luis Maria.

4º gesto: Buscar outro chão para se pousar o pé¹¹

Com a emergência da pandemia do novo coronavírus, os artistas Esther Almeida¹² e Luis Maria¹³ se viram condicionados a um retorno às suas cidades de origem¹⁴. Movimentação que acentuou, de modo abrupto,

10

A questão foucaultiana que nos referimos aqui é: o que estamos fazendo de nós enquanto experimentamos a nossa atualidade? Para mais, ver: FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Coleção Ditos & Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 335-351.

11

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 90.

12

Artista Visual. Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal Fluminense (IFF) e graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Seus interesses de pesquisa se concentram nas seguintes áreas: Sociologia/Antropologia Ambiental; Sociologia Rural; Antropologia Visual.

13

Artista Visual. Técnico em aquicultura pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Seus interesses de pesquisa se concentram nas seguintes áreas: Antropologia visual; Sociologia do desenvolvimento; Discussão da paisagem e escritas.

14

Embora residam em Vitória/ES, Brasil, Esther Almeida é natural de Bom Jesus do Itabapoana/RJ, Brasil, e Luis Maria de Itaipava/ES, Brasil.

Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”

Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

o processo de percepção dicotômica do cotidiano entre campo e centro urbano, cujos trânsitos os perpassam desde suas primeiras afetações. Ao terem seus corpos afastados da lógica citadina, e desamparados das suas redes de afetos ali consolidadas, estabeleceram, segundo eles

[...] o compromisso de tentar ao máximo nos manter no presente. Um presente prescrito na análise. Presente que olha para o passado, até porque é em parte dele que está nossa apreciação. Um passado que não mora só na saudade da cidade que ficou para trás, mora no álbum de fotos que encontramos na casa da família, no reencontro dos rostos conhecidos [...]. (ALMEIDA & MARIA, 2020, p. 4).

Parecem se apropriar, portanto, do isolamento social, do retorno compulsório ao campo, bem como de sua desaceleração constitutiva para “tornar aceitável a potência estética e espiritual que existe em estar nesse lugar, aqui e agora” (Ibid., p. 4) e talvez, nesse movimento, enfrentar as questões

Como sobreviver a esse período, estagnados pela depressão e ansiedade? Como compartilhar em outras linguagens nossas dores, prazeres, descobertas, transformações, reconexões, espiritualidade, a complexidade contraditória que é viver, e pontualmente falando, viver neste momento? (ALMEIDA & MARIA, 2020, p. 3).

O que chega até nós por interposição das correspondências fotográficas que compõem a série “*Bucólico Marginal*” (2020), de Esther Almeida e Luis Maria, é que estamos diante de artistas que parecem não ter medo ou, mesmo, a menor pressa em sentir a vertigem das sensações intensivas que o escuro do tempo em que vivemos tem sido capaz de suscitar. Indo além, neles não há qualquer horror em ser interpelados pelos efeitos que a questão colocada por Leila Domingues (2010) provoca. Aliás, é defrontando-se com o turbilhão das linhas de tempo que percorrem essa questão, que os artistas instauram¹⁵ um caminho singularmente capaz de enfrentá-la. Junto a ensaísta brasileira Rosane Preciosa (2010, p. 87), poderíamos dizer, inclusive, que seus pés irriquiéticos “procuram terrenos estranhos para pisar. Quanto mais esburacados, pedregosos, enlameados,

15

Para o filósofo francês Étienne Souriau (2015), instauração não é criação ou produção, mas, sim, processo mobilizador de uma operação (trabalho) que inscreve mundos e diferentes modos de existência. Para mais, ver: SOURIAU, Étienne. *Los diferentes modos de existencia*. Buenos Aires: Cactus, 2017.



Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”

Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

mais brincadeiras rendem”. O chão desses jovens artistas é, diríamos ainda junto a Rosane Preciosa

[...] o da ilimitada curiosidade, da bisbilhotice, da expedição exploratória. Nunca está firmemente assentado num lugar. Não é chão para se medir em passadas nem para se calcular a velocidade de um deslocamento. É um chão de farras, de ambulção, de perquirição. Chão de piruetas, de extravagâncias, onde se investigam e inventam formas de caminhar, modos de viver. (PRECIOSA, 2010, p. 87).

Chão ético-estético-político que, apesar de tudo – das mortes, dos adoecimentos, das destituições e das destruições em curso – possibilita vislumbrar alguma esperança, mesmo que provisória, para sobreviver ao tempo do “fim”.



Figura 04. Esther Almeida & Luis Maria, *Bucólico Marginal*, 2020. Fotografia/Texto, dimensões variáveis. Acima: a casa de deus. Autor(a): Esther Almeida; Abaixo: atotô. Autor(a): Luis Maria.

Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

5º gesto: Emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros¹⁶

Pouco antes de encerrar suas reflexões no livro “Sobrevivência dos vaga-lumes” (2011), o filósofo e historiador da arte francês, Georges Didi-Huberman (2011, p. 155), dispara: “Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo é atravessado por lampejos”. Sobre esse segundo mundo, ele ainda nos diz

[...] nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco, logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária. *Povos-vaga-lumes*, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do ‘reino’, fazem o impossível para afirmar seus desejos. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 155).

Ora, se ante as luzes que nos cegam há os que delas desviam o olhar – “há os que se aventuram em produzir desvios”, como nos alerta Rosane Preciosa (2010, p. 39) – esses formariam, segundo Georges Didi-Huberman

[...] uma comunidade do desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer *sim* na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o *não* da luz que nos ofusca. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 154-155).

Comunidades de lampejos intermitentes que parecem instaurar um horizonte ético no qual ética, tal qual defende Giorgio Agamben

[...] não é a vida que simplesmente se submete à lei moral, mas que aceita, irrevogavelmente e sem reservas, pôr-se em jogo nos seus gestos, mesmo correndo o risco de que, dessa maneira, venham a ser decididas, de uma vez por todas, a sua felicidade e a sua infelicidade. (AGAMBEN, 2007, p. 61).

E Esther Almeida e Luis Maria parecem não se eximir de emitirem seus próprios lampejos, em requisitarem para si sua própria minoria¹⁷, seu

16

DIDI-HUBERMAN, Georges.
Sobrevivência dos vaga-lumes.
Editora UFMG, 2011. p. 155.

3

A partir da leitura que fazem da obra kafkiana, o termo “menor” qualificaria, para Gilles Deleuze & Félix Guattari (2014), práticas que, reconhecendo os processos de dominação simbólica e material a que estão sujeitas, assumem sua posição de marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos que a circunscrevem, a fim de instaurar desvios em relação ao padrão, ao institucionalizado e àquilo que se estabeleceu como sendo “natural”, forjando, portanto, “os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE & GUATTARI, 2014, p. 37). Para mais, ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.



Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”

Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

desejo partilhado com essas comunidades. Tanto não hesitam que as 10 imagens reunidas na série “*Bucólico Marginal*” (2020) – elaboradas por eles, nos meses de maio e junho de 2020, e cujo desenvolvimento é instaurado no contexto de quarentena provocada pela COVID-19 – poderiam ser então descritas, tomando de empréstimo as palavras de Georges Didi-Huberman (2011, p. 160), como “imagens-vaga-lumes”, imagens que organizariam “nosso pessimismo. Imagens para protestar contra a glória do reino e seus feixes de luz crua”.



Figura 05. Esther Almeida & Luis Maria, *Bucólico Marginal*, 2020. Fotografia/Texto, dimensões variáveis. À esquerda: vinte e sete de maio. Autor(a): Esther Almeida; À direita: dezoito de junho. Autor(a): Luis Maria.

**6º gesto: Aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa
para construir paraquedas coloridos¹⁸**

Contra a paralisia engendrada nesse cenário apocalíptico, prenehe de imagens outrora consideradas distópicas, os artistas optam por

Sentir ferozmente o quintal, tomar banho de lua e lama, lembrar dos campos abertos e fechados que já exploramos, pegar a bicicleta e fugir sozinho para uma praia secreta ou caminhar nas estradas de chão batido, sentir o ar limpo que um dia sentimos sem estar tão quente por causa do pano que cobre a boca e nariz, fazer uma novena de 90 dias, fazer buquê de flores selvagens, acompanhar a lua, pegar sol na varanda. Com isso, lembrar e recriar o campo que um dia foi nosso lar. Que hoje não é. Mas tem que ser. É de onde viemos. É onde recepcionou nossa volta. Abraçou com todos os espinhos de galhos e picadas de inseto. (ALMEIDA & MARIA, 2020, p. 4).

18

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 30.

Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

Se através dos registros imagéticos e discursivos desta série, Esther Almeida e Luis Maria parecem nos chamar atenção para a coragem que envolve a instauração do compromisso de se manter no presente, para nele atrevermo-nos, como reforçam os artistas, a “criar moradas nas contradições” (Ibid., p. 7); a exposição virtual “Do escuro do nosso tempo”, não teria por pretexto outro senão sublinhar: é inalienável “seguir se aventurando nesse fim de mundo. O nosso fim do mundo” (Ibid., p. 7). Não temos dúvidas de que a mostra se trata de uma dessas raras oportunidades na qual podemos, todas e todos, embarcar – via as imagens que compõem esta série – em nossa íntima obscuridade, para nela deixarmo-nos roçar pelos lampejos do desejo que encontram ressonância e potência na pulsão vibrátil e vital de um horizonte ético. Horizonte no qual não só é possível ouvir a voz do chão a nos dizer “cai que eu te cuido” (PRECIOSA, 2010, p. 87); mas, também, horizonte no qual não se elimina a queda, mas, sim, como lembra Ailton Krenak (2020, p. 63), se inventa e se fabrica “milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos”. Horizonte esse, por fim, no qual poderíamos sobreviver se entendermos que passa necessariamente pelas nossas gestualidades a possibilidade de adiarmos um cadinho mais o tempo do “fim”. Nesses termos, “Do escuro do nosso tempo” nos questiona: não seriam essas sobrevivências, esses pequenos lampejos que resistem ao momento de perigo eminente no presente, que conteriam no final das contas os germes de algo por vir, de outros devires possíveis?

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Esther; MARIA, Luis. Bucólico marginal: uma experimentação em tempos pandêmicos. In: *Fórum da Imagem – Construção de Imagens Urgentes*. Vitória: Galeria Homero Massena, 2020. p. 1-8. Disponível em: <https://forumdaimagem.files.wordpress.com/2020/08/4bucolico-marginal_uma-experimentacao-em-tempos-pandemicos.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2020.



Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos
provisórios para sobreviver ao tempo do “fim”
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

BASBAUM, Ricardo. Artes/vidas. In: *Poiésis*, Niterói, v. 18, n. 29, p. 235-246, jan.-jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/1981/1644>>. Acesso em: 02 de mai. de 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Editora UFMG, 2011.

DOMINGUES, Leila. *À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Coleção Ditos & Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 335-351.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. Em que tempo vivemos? In: *Revista Serrote*, n. 16, p. 203-222, mar. 2014.

SOURIAU, Étienne. *Los diferentes modos de existência*. Buenos Aires: Cactus, 2017.

